

sua **relação com Aquele**. Se **Aquele não existisse**, estes também deixariam de existir ou não teriam nunca existido. Mas como **Aquele é eterno**, estes também se investem da característica de eternidade. **Porém, a eternidade não consiste na peculiaridade das qualidades**, mas sim no **fator** da existência.

Por exemplo: o ferro é ferro em relação à sua constituição químico-física, como o mármore é mármore pela mesma razão de equivalência. Mas o ferro não é a locomotiva que vemos deslizar tão rapidamente sobre os trilhos, nem o mármore é a Vênus de Milo. O ferro se transforma em locomotiva pela inteligência utilitarista do homem, como o mármore foi transformado em estátua pela genialidade do artista. Mas tanto o ferro, quanto o mármore, podem ser transformados em elementos informes e ser destituídos dos valores práticos e artísticos que particularmente os caracterizam.

## 5. CONCLUSÃO

Graças ao Espiritismo, o problema da imortalidade da alma, outrora do domínio exclusivo da filosofia, pode, desde o advento da 3ª Revelação, ser abordado pelo método positivo. O hipnotismo, malgrado os perigos que encerra se não bem orientado, prestou à psicologia grandes serviços, possibilitando o estudo da personalidade humana e o conhecimento do princípio pensante em suas modalidades de consciente, subconsciente.

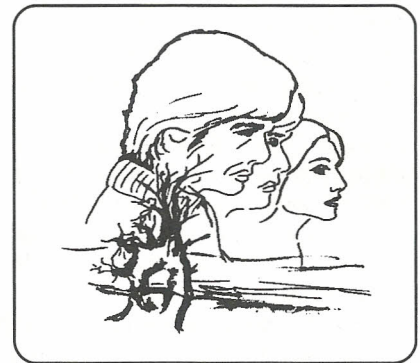
Possibilitou ele, ainda, a elucidação de fenômenos muito pouco conhecidos, tais como a sugestão mental à distância, a exteriorização da sensibilidade e da motricidade, que nos conduzem à telepatia e ao Espiritismo.

Sob qualquer aspecto — religioso, filosófico, científico — vem o Espiritismo oferecendo, desde sua codificação, pelo insigne mestre lionês

— Allan Kardec — ensejo a todos que desejem certificar-se da imortalidade. O desdobramento da personalidade humana, comprovado através de testemunhos indiscutíveis e observações acuradas de renomados cientistas, as aparições espontâneas, os desdobramentos conscientes, as materializações, estas também comprovadas por um grande número de personalidades ilustres e cientistas abalizados, e todas as manifestações psíquicas que se processam pela mediunidade nas suas mais variadas modalidades, tais como fenômenos de incorporação, voz direta, psicografia, psicometria, intuição, etc., são fatores por demais conhecidos e analisados que, de forma objetiva, dão a todos os que, com sinceridade e pureza de intenções o desejem, a certeza da realidade espiritual e de sua imortalidade.

Deixamos de entrar na análise e explicação dos fenômenos espíritas por se tratar de outro campo, o científico, que escapa às nossas atribuições.

## 52. REENCARNAÇÃO



### 1. REENCARNAÇÃO, LEI UNIVERSAL

Habitualmente, todo passado vivido. Temos assim a indestrutibilidade do Espírito humano. Entretanto ela é, na realidade, um processo que se aplica a todos os seres. A vida de uma flor que fenece, volta à outra flor; o gato que sucumbe a doença ou à velhice, retorna também em outra ninhada.

### 2. QUE É A REENCARNAÇÃO?

Que vem a ser reencarnação? Segundo a etimologia da palavra, pode significar o ingresso repetido num invólucro físico ou carnal. Ora, se há o ingresso repetido, alguma coisa deve reingressar; e reingressar é tornar a

ingressar. Este raciocínio implica desde logo a existência de qualquer coisa permanente que sobrevive ao invólucro que lhe serve de veste. A etimologia da palavra, entretanto, apenas nos diz que as habitações mutáveis ou transitórias são de **carne**, nenhuma referencia fazendo acerca do elemento permanente.

A palavra **metempsicose** é, também, freqüentemente usada como sinônimo de reencarnação; ela, porém, não se refere à habitação, mas, unicamente, ao trânsito do elemento psíquico, sendo, até, por alguns, aceita a possibilidade da sua transmigração por espécies inferiores depois de ter animado formas superiores ou humanas, como veremos depois.

Abstraindo-se quaisquer outros ensinamentos especiais a **Reencarnação** ou **Palingênese** é palavra que determina uma teoria da existência, segundo a qual um invólucro ou forma de matéria visível é ocupado ou habitado por um princípio imaterial que sobrevive à sua mutação e que logo a seguir à decomposição ou à morte da forma, após intervalo mais ou menos longo passa a habitar outro invólucro ou corpo.

Afirma pois a reencarnação, a existência de um princípio vivo, individualizado ou individuado e imortal, que habita e vivifica a forma corpórea e que, por morte dessa forma ou corpo, passa a outra, após um

tempo bastante variado. Deste modo, as vidas corporais sucessivas são como contas num fio, sendo este fio o princípio permanente ou imortal e as contas as diferentes formas humanas.

### 3. ANTIGÜIDADE DA CRENÇA NA REENCARNAÇÃO

“Desde os albores da civilização — diz Gabriel Delanne — o vocábulo Reencarnação ou Palingenesia foi formulado na Índia com uma precisão que o desenvolvimento intelectual constitui fato notável. Desde a mais alta antigüidade, os povos da Ásia e da Grécia procuravam saber se o Espírito fora criado no momento do nascimento ou se existia antes”.

“Se é certo ser difícil conseguir que qualquer verdade nova se faça ouvir no meio da luta e das discussões características da nossa civilização moderna — diz a Sra. Annie Besant — ainda mais difícil é conseguir que se dêem ouvidos a uma verdade que se fez nova à força de ser antiga”.

É fora de dúvida que as grandes e antigas religiões do oriente tinham a doutrina da Reencarnação como um dogma fundamental. Tanto na Índia como no Egito era ela a base da ética.

Encontramos nos Vedas e no Bagavad Gita — Canção da Imortalidade — passagens que testemunham a legitimidade de nossa afirmativa.

Vejamos a passagem que vamos transcrever, extraída da canção da imortalidade:

“A alma não nasce e nem morre nunca; ela não nasceu outrora nem



Estátua de Buda

deve renascer; sem nascimento, sem fim, eterna, antiga, não morre quando se mata o corpo.

Como poderia aquele que se sabe imperecível, eterno, sem nascimento e sem fim, matar ou fazer matar alguém?

Assim como se deixam as **vestes gastas** para usar vestes novas, também a alma deixa o corpo usado para revestir novos corpos.

Eu tive muitos nascimentos e também tu, Arjuna; eu as conheço todas, mas tu não as conheces...”

Parece-nos fora de dúvida, estar afirmado aqui, na doutrina védica, não só a imortalidade dos Espíritos, mas, também, sua evolução progressiva, através de reencarnações múltiplas,

representadas na substituição das **vestes gastas**.



Encontramos no “Masdeísmo”, antiga religião persa, o Espírito encontrando a bem-aventurança final, não sem ter antes haver passado por uma purificação progressiva através de provas expiatórias.

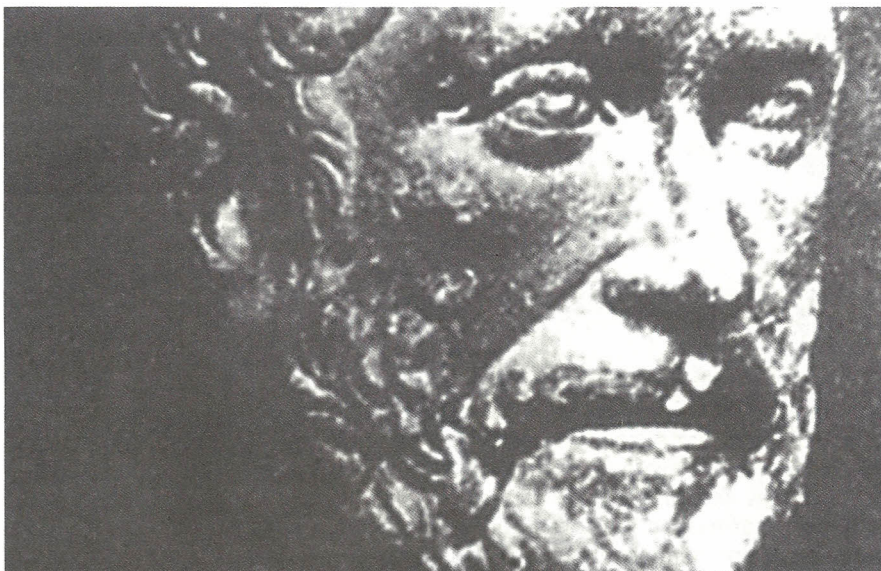
O Santo Buda, o iluminado, dando corpo à sua doutrina, ensinava a seus discípulos:

“Está no desejo a causa do mal, da dor, da morte e do **renascimento**. É o desejo, é a paixão que nos prende às formas materiais e que desperta em nós mil necessidades incessantes e jamais satisfeitas, tornando-se assim outros tantos tiranos. O fim elevado da vida é arrancar a alma dos turbilhões do desejo.

Consegue-se isso pela reflexão, austeridade, desprendimento de todas as vaidades terrenas, pelo sacrifício do eu, pela isenção do egoísmo na personalidade”. (*O Budismo*, Leon de Rosoy)

Entre os gregos, foi **Pitágoras** que introduziu a doutrina da reencarnação. Duas eram as modalidades de sua doutrina: uma exotérica, destinada ao povo; outra esotérica, exclusivamente destinada aos iniciados. A primeira deu origem ao erro da interpretação da **metempsicose** porque, para o povo, pouco evoluído, e, talvez para infundir-lhe temor, ensinava que as

*Pitágoras*



almas ruins deviam renascer em corpos de animais. Para os iniciados, porém, a ascensão era progressiva, sem possível regressão as formas inferiores.

Heródoto, cognominado o "Pai da História", também pregava a necessidade do renascimento da alma através das formas animais, fazendo-o, porém, como castigo às faltas cometidas, confirmando, dessa forma, o erro na interpretação da metempsicose. Acreditava ele no entanto, que as almas puras podiam também evoluir em outros astros do céu.

Além de Pitágoras e Heródoto, outros gregos ilustres, como Sócrates, Platão, Apolônio e Sêneca, criam e ensinavam a reencarnação.

No Egito, a doutrina das vidas sucessivas era também conhecida.

Ao nascer, o egípcio é representado por duas figuras, sendo uma a sua personalidade e a outra o seu duplo que durante o repouso do corpo físico ou material, enquanto este descansa e refaz suas energias, se lança no país dos sonhos. Essa separação é transitória, regressando o duplo ao despertar do corpo, só se dando a separação definitiva com a morte. Este duplo, que representa a parte ativa e permanente do ser, poderá, algum tempo depois da morte, animar outra forma material e voltar a uma nova existência na Terra.

A escola neoplatônica, de Alexandria, ensinava a reencarnação, determinando, ainda, as condições para a evolução progressiva.



Entre os hebreus, a reencarnação era geralmente aceita, e encontramos, embora de forma velada, na Bíblia, referência sobre ela em Isaías, 24:19 e Job, 14:10-14 (Trad. de Ostervald). No Zoar, a Cabala, o Talmude, livros sagrados dos hebreus, há referências à reencarnação ou vidas anteriores, sob a designação de **ressurreição**.

No Novo Testamento, depreende-se que era a reencarnação uma crença popular, como por exemplo, quando os discípulos perguntam a Jesus se Elias voltará e lhes responde o Divino Amigo: "Elias já veio e não o reconheceram, antes fizeram-lhe tudo quanto quiseram". E compreenderam os discípulos, diz o Evangelho, que

Jesus se referia a João.

Tendo, certa vez, encontrado um cego de nascença que mendigava, seus discípulos que o acompanhavam lhe perguntaram: "Foram os pecados que cometeu ou os de seus pais a causa da cegueira?" Esta pergunta deixa claramente transparecer que os discípulos acreditavam que ele podia ter pecado em vida anterior, pois que o cego o era de nascença. Jesus não demonstra surpresa, o que seria muito natural se estivessem em erro e limitou-se a responder-lhes: "Não foi este homem quem pecou nem seus pais, mas é para que as obras de Deus se manifestem nele". (João, 9:2)

Durante o colóquio entre Nicodemos, fariseu e senador judeu, e Jesus, segundo o Evangelho, no qual aquele pede ao Divino Mestre explicações sobre a vida futura, Jesus respondeu-lhe: "Em verdade, em verdade, vos digo, ninguém verá o Reino de Deus sem nascer de novo".

Perturbou-se Nicodemos, por ter tomado a resposta em seu sentido material, de retorno do homem ao ventre materno, e perguntou: "Como pode um homem nascer sendo velho?" Respondeu-lhe o Senhor: "Em verdade, em verdade, vos digo, que se alguém não nascer da água e do Espírito não pode entrar no Reino de Deus; não vos maravilheis de vos dizer que é necessário nascer de novo; o Espírito sopra onde quer e ouvis sua voz mas não sabeis de onde vem nem

para onde vai".

"Como pode ser isto?" Pergunta o Doutor da Lei.

Responde-lhe Jesus: "Sois mestre em Israel e ignorais estas coisas?"

A surpresa de Jesus, manifestada na última observação feita a Nicodemos, prende-se ao fato de, sendo ele mestre em Israel, ignorar a reencarnação que era ensinada como doutrina aos intelectuais da época.

Entre os romanos, Virgílio exprime claramente a idéia da reencarnação. Ovídio se refere à palingenesia, estendendo-a até os outros mundos disseminados no espaço.

Os gauleses, adeptos do **Druidismo**, religião dos druidas, acreditavam na unidade de Deus e nas vidas sucessivas.

Grandes homens como Paracelso, Boehme, Swedenborg, aderiram à reencarnação.

As grandes luzes da Itália, como Giordano Bruno, Campanella, abraçaram-na. Os maiores expoentes na filosofia alemã, como Schopenhauer, Lessing, Hegel, Leibnitz, Herdes e Fichte, esposaram-na e advogaram-na fervorosamente.

Henry More, Cudworth e Hume, pensadores ingleses, defenderam a reencarnação.

Finalmente, em 1857, foi que o grande missionário lionês Allan Kardec, o insigne codificador do Espiritismo, publicou o livro intitulado



Allan Kardec



Obras da Codificação, em francês

*O Livro dos Espíritos*, no qual de forma clara e acessível a todas as inteligências, expõe as razões filosóficas que o levaram a admitir a teoria das vidas sucessivas. A Kardec se deve, principalmente, a divulgação dessa grande verdade, entre todos os países de língua latina. Marcou *O Livro dos Espíritos* o início de uma nova era de restauração das grandes e tradicionais verdades já conhecidas e ensinadas pelas mais antigas religiões da Terra e, sobretudo, a revivescência dos ensinamentos evangélicos em sua primitiva pureza, como Luz imortal que conduzirá o homem terreno à conquista do Reino de Deus, além de sua característica de “Consolador” para as grandes inquietações que, na hora presente, perturbam a quase totalidade das criaturas humanas. Veio, ainda, com o Espiritismo, a possibilidade de poderem os descrentes e cétricos buscarem as provas inofismáveis da existência e da imortalidade do Espírito, na objetividade científica e na filosofia racional sobre que se apoiam os seus princípios religiosos.

Por que não existem ou não se revelam em todos as mesmas idéias inatas ou instintivas, se no mesmo tempo iniciaram suas vidas?

Como se explica o fato de serem uns homens mais adiantados que outros, independente da educação que receberam?

Porque há criaturas ainda selvagens e outras civilizadas; por

maior educação que se dê a uma criança, por melhor instrução que se lhe dispense, jamais ela será um gênio numa mesma vida, se, ao nascer, já não trouxe consigo as possibilidades de manifestação da genialidade, como resultado de suas passadas conquistas.

Como explicar a disparidade tremenda de destinos existentes entre os homens, ante a eqüidade, a perfeição e a imutabilidade da Justiça Divina?

Qual, pois, a filosofia ou doutrina capaz de nos apresentar solução racional, justa, para estes problemas, senão fundamentadas na reencarnação? Se a desigualdade existente entre as almas dependesse — em relação às aptidões e destinos — do organismo, o homem seria uma simples máquina, brinquedo da matéria, irresponsável pelos seus atos, podendo tudo atribuir às suas imperfeições físicas. Se as almas são criadas desiguais, por Deus, porque então a inata superioridade concedida a algumas, sem que qualquer esforço realizassem para merecê-la? Essa parcialidade estará porventura concorde com a justiça de Deus? Não é igual o amor que Ele consagra a todos os seus filhos?

Admitindo-se, ao contrário, as vidas sucessivas, tudo é explicado satisfatoriamente.

Ao nascerem, trazem os homens, a intuição dos resultados de todas as suas pretéritas experiências e dos

conhecimentos adquiridos. Uns são mais adiantados do que outros, conforme o número de existências já vividas, conforme estejam mais ou menos afastados do ponto de partida e conforme o aproveitamento alcançado nas oportunidades que, por Deus, lhes foram concedidas. Cada existência na Terra, é uma oportunidade; cada vitória no bem, uma conquista, e cada fracasso, cedendo ao mal, uma derrota. Cada conquista é mais um grau alcançado na evolução; cada derrota é uma parada, um retrocesso, porque, sendo a medida de Universo, a evolução, aquele que pára, retrocede. A Terra é uma escola-oficina; todos nós somos alunos, uns mais, outros menos adiantados; cada morte é um exame. Aprovado, o aluno passa de ano, isto é, faz jus a tarefas mais importantes, a oportunidades mais proveitosas; reprovado, volta à prova, e tantas vezes quantas forem necessárias até vencê-las. Feito o curso todo, transpostas e vencidas todas as experiências e adquiridos todos os conhecimentos que a Terra pode oferecer, o aluno passará a um colégio-oficina mais adiantado, liberando-se, progressivamente, do ciclo de reencarnações que são tanto mais dolorosas quanto mais embaixo se encontra o ser, na evolução. Como os senhores observaram, abstermos-nos de recorrer a fatos objetivos, buscados na fenomenologia experimental espírita e já fartamente

comprovados, para provar as nossas argumentações filosóficas. Até aqui, sempre apelamos para a lógica e para a razão. Inúmeros outros argumentos poderiam, ainda, ser apresentados a favor da doutrina das vidas sucessivas. Paremos, entretanto, por aqui e vejamos outros aspectos do nosso tema.

#### 4. O QUE SE REENCARNA

Estabelecido o conceito de que a reencarnação implica a idéia de um elemento permanente, vivo e imortal, que habita sucessivamente numa série continuada de corpos, podemos agora perguntar: O que vem a ser esse princípio vivo, permanente e imortal que se reencarna?

É a unidade espiritual, o pensador, o indivíduo, o Ego, que traz em si, em potencial, todos os infinitos atributos e possibilidades para alcançar, por esforço próprio, por elaboração íntima, e, também **por obra da graça**, a vida divina, após passar pelos reinos inferiores até atingir a espécie humana, conquistando a consciência de si mesmo, a razão, o livre-arbítrio, que é liberdade de escolha, e, conseqüentemente, a responsabilidade de seus atos.

Entenda-se por graça, aqui, a oportunidade que a Lei, que é lei de bondade como tudo o que promana de Deus, oferece a todos os seres, a todas as criaturas, por mais graves que sejam os seus erros e crimes, de, pelo arrependimento sincero e pelo firme propósito de reparação, desfrutar outras oportunidades para resgate de seus débitos e para mais ampla conquista de consciência. Não uma graça arbitrária, isto é, dada preferencialmente a uns e outros, sem que dela se tenham tornado merecedores. Dentro da Lei, cada conquista tem o seu preço; custa um esforço, uma lágrima, uma dor, um sofrimento.

Evolução, pois, é progredir na direção do bem.

#### 5. O QUE NÃO SE REENCARNA

Como os senhores já sabem, o homem resume em si a trindade divina do seu universo: espírito, energia e matéria. Vimos que o que se reencarna é o princípio espiritual, a psique, o Espírito, o pensador, o ego imortal; o perispírito ou corpo fluídico, de constituição energética semimaterial, intermediária entre o espírito e o corpo,

idéia diretora da construção do princípio humano, com a morte ou desintegração do corpo, desliga-se deste e acompanha o espírito, constituindo o invólucro para a manifestação do espírito no plano espiritual. O perispírito, portanto, assim como volta com o espírito para a vida espiritual, **o acompanha, também em sua nova descida ao plano terreno.** Ele é o arquivo onde ficam registrados o substrato de todas as experiências e conhecimentos adquiridos pelo ser, em todas as suas vidas ou encarnações. Ele expressa, portanto, a situação de cada indivíduo pela luminosidade que apresenta, determinando uma coloração, uma qualidade ou um sentimento-pensamento.



**O fluído vital** que mantém a vida física, revitalizando o organismo continuamente, volta ao reservatório universal de energia e, em cada nova reencarnação, nova quantidade desse fluído é absorvida pelo novo organismo que dele se reabastece segundo as necessidades, haurindo-o na atmosfera, traduzidos pelos raios solares.

**O corpo carnal**, se desintegra e as inferiores consciências celulares que foram chamadas a colaborar na constituição de um novo organismo e que, por finalidade funcional se tinham agregado para a formação dos órgãos — fígado, rins, pulmões, coração, etc. — se desagregam e se apressam em buscar novas uniões para novas formações orgânicas. Desvanece-se, assim, a vida vegetativa, cuja ação se processa à revelia de nossa consciência ordinária.

O que não se reencarna, pois, é essa parte transitória que foi chamada a colaborar para a ascensão do ego, ou seja, o fluído vital e o corpo somático.

Eis porque tantas vezes acode ao Espírito essa pergunta: Por que não me lembro das minhas vidas passadas? É porque o que lembra é o ego, o espírito, o pensador, que passa pelas formas, não o homem animal.

**Os espíritas sabem** que pelo fenômeno do desdobramento da personalidade, pela ação do magnetismo ou do hipnotismo o Espírito ou o Ego, se desprende temporariamente do corpo e revive

outras experiências, pormenorizando fatos acontecidos anteriormente à vida atual, consigo ou em sua presença.

Portanto, o corpo que é a veste do Espírito, o fluído vital, a natureza passional, não reencarnam; seus elementos voltam a unir-se aos mundos inferiores a que pertencem.

#### 6. PODE O ESPÍRITO HUMANO HABITAR O CORPO DE UM ANIMAL?

Esta pergunta pode ser respondida de forma categórica: Não! — Os animais ainda não alcançaram o grau de desenvolvimento necessário para servirem de instrumento à morada da mônada que já atingiu a fase humana ou do Espírito humano propriamente dito, isto porque, durante milhares de séculos foram se construindo e aperfeiçoando os tabernáculos, os templos, até estarem em condições de servirem de habitat a mônada que já atingiu o uso da razão, do discernimento, do livre-arbítrio. As mônadas que neste momento guiam a evolução animal, hão de passar a animar formas humanas, num ciclo de evolução futura. Os egos, os pensadores, os Espíritos humanos propriamente ditos, tiveram que esperar que as raças primitivas ou inferiores evoluíssem até chegarem a forma humana aperfeiçoada, até se tornarem aptas à sua encarnação pela primeira vez, sofrendo seu perispírito, nesta fase, modificações que lhe imprimiram os Espíritos superiores, além do período de adaptação porque passou o ser em outros planos ou mundos. Estes fatos tornam impossível a involução ou retrocesso, em relação ao Espírito, segundo o que sabemos. Um homem, por mais baixo que seja o seu nível de degradação, não pode fazer retroceder a roda do tempo, não pode voltar a ser um animal. A Natureza fecha-nos as portas transpostas, irremediavelmente. A interpretação errônea dada à teoria da Metempsicose, ou a de que o ego humano possa voltar a habitar um corpo animal, está muito espalhada no oriente. As regras de Manu chegam até a determinar com certas particularidades o destino ou a forma que deva habitar cada pecador, segundo a natureza de suas faltas: **“Difamando** o seu Guru, converte-se em **burro**; o que o **censura**, em **cachorro**; o que se **apodera de seus**

COLEÇÃO DE LIVROS BRAMHAMI COS (INDIA)

**bens**, converte-se em **verme**, e assim sucessivamente". (Regras de Marris, Burnelle e Hopkins)

## 7. OUTROS ARGUMENTOS FAVORÁVEIS À REENCARNAÇÃO

Só ela oferece explicação satisfatória do porquê da elevação e decadência dos povos, dos fatos da evolução individual, da diversidade de capacidades e de destinos, como já vimos, da repetição dos ciclos na história.

Em certas condições especiais, existem criaturas encarnadas que se recordam de suas vidas passadas relatando incidentes ou fatos. Cumpre notar, porém, que se na realidade não temos durante a vida corpórea, nítida lembrança das existências anteriores, dela temos, entretanto, a intuição, manifestada nas tendências instintivas que nos dão as reminiscências do passado. Acresce, ainda, ser esse esquecimento uma necessidade nos mundos inferiores ou relativamente inferiores, sobretudo quando foram amarguradas ou mal vividas as nossas vidas pretéritas cuja recordação seria sério entrave para o nosso presente progresso. A humilhação e o peso que nos acarretariam as nossas antecedentes iniquidades, não nos permitiriam a indispensável serenidade para a construtiva ação presente. Nos mundos superiores à Terra onde só reina o bem, a recordação do passado é possível aos Espíritos que os habitam, não só devido à sublimidade dos instrumentos como também porque a reminiscência do seu passado nada tem de humilhante e dolorosa, não só devido à compreensão desses Espíritos como também porque os resgates já foram cumpridos.

Há certas particularidades que reaparecem constantemente no seio de uma família e uma relativa semelhança une os seus membros. Essas semelhanças físicas são evidentes e testemunham a lei da hereditariedade física. Esta hereditariedade é, porém, secundária. Qual a lei que explica o porquê de surpreendentes diferenças do desenvolvimento intelectual e moral que se observa comumente entre irmãos, entre pais e filhos, ou entre membros de uma mesma família? Por que numa família de tendências pacíficas e afetivas, por tempe-

ramento, nasce às vezes um filho de Espírito indisciplinado, rebelde, violento que não se deixa corrigir por disciplina alguma?

De onde vem os gênios e os santos que, por vezes, desabrocham no meio de uma família sórdida e em que a maioria de seus membros demonstra instintos perversos?

Os irmãos gêmeos têm não só os mesmos pais, mas condições pré-natas idênticas e, não raro, encontramos, entre eles, grande dessemelhança física e absolutas diferenças morais e intelectuais. Muitas vezes, em pequenos, tão grande é a semelhança entre irmãos gêmeos que mesmo os olhos perscrutadores da mãe os distingue com dificuldade, porém, assim que o Espírito vai trabalhando sobre o corpo físico, vão diminuindo as semelhanças e as diferenças de caráter vão se acentuando nos traços fisionômicos variáveis.

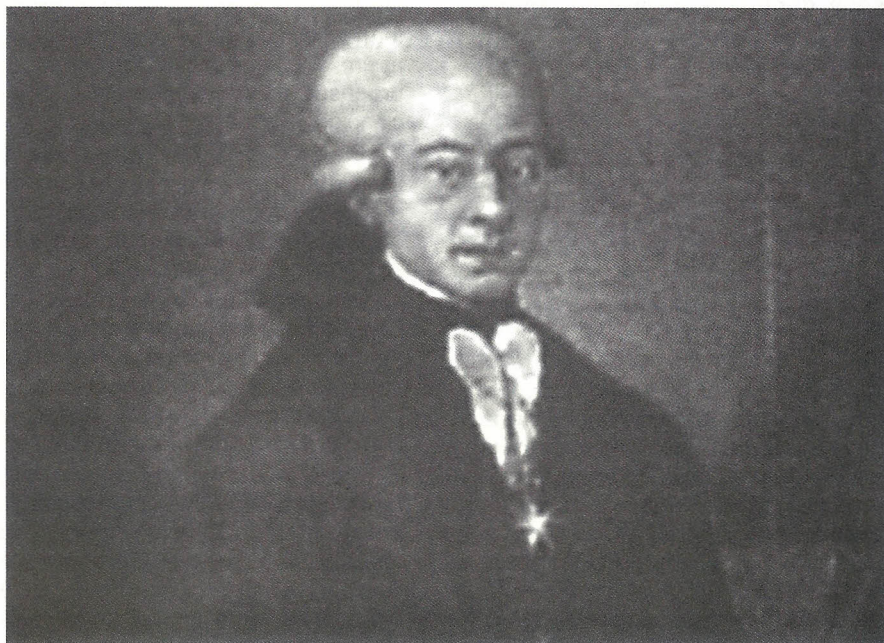
Já nos referimos à precocidade na criança que, aliás, não encontra ainda da parte da ciência oficial qualquer explicação satisfatória.

Mozart aos 4 anos, revelava conhecimentos que ninguém lhe tinha ensinado. Além de uma extraordinária delicadeza de gosto para a melodia, revelava grande habilidade para produzir composições, segundo melodias que lhe eram dadas, sem que na sua confecção musical ele falhasse numa única das complexas

leis da harmonia. Podem obstar ter ele nascido de uma família de músicos. Mas se assim não fosse, como e onde poderia obter o delicado aparelho físico para a manifestação do seu gênio transcendente? Se a família lhe deu o gênio além do invólucro material que traz apenas aptidões, por que é que dentre tantas criaturas na mesma família que possuíam um aparelho físico com aptidão musical, só Mozart revelou-se capaz de compor essas maravilhosas sinfonias, essas sonatas, e essa grande variedade de músicas que jorram como cascatas da delicada harmonia daquele gênio inesgotável?

Como explicar, pela hereditariedade física, a vinda ao mundo dessa plêiade de gênios que têm dignificado a humanidade? De onde trouxeram Dante, Aristóteles, Platão, Sócrates, Giordano Bruno, Newton, Rafael, Da Vinci, Pasteur e tantos outros, aquela genial visão que lhes possibilitou legar à posteridade imenso tesouro nos campos da filosofia, das artes e da ciência? Como explicar, pela hereditariedade física, os grandes gênios da moral e da sabedoria, como Lao-Tsé, Krishna, Buda, Moisés e Francisco de Assis? No acanhado poço desta nossa humanidade não poderiam brotar pela hereditariedade física, essas vidas geniais de amor, de sabedoria, de abnegação. O esplendor de suas doutrinas, deslumbram a pobre criatura terrena que viu nelas

*Wolfgang Amadeus Mozart*



uma revelação de uma Divindade sobrenatural, quando são apenas o fruto do amadurecimento, o resultado de algumas centenas de vidas.

E Jesus? Sua missão divina transcende, por enquanto, a compreensão humana. A moral de sua doutrina, está no ápice de todas as religiões conhecidas na Terra, por ser de todas a mais perfeita; pode, entretanto, ser sentida, compreendida e vivida, progressivamente, ou melhor, gradativamente, por qualquer criatura, desde que busque com humildade e pureza de intenções, sob o véu da letra, as magnificências do Espírito imortal. Como se explicar, pois, malgrado a pureza excelsa do Espírito de sua Santíssima Mãe, a sua infinita capacidade de amar, de perdoar, de renunciar e de servir, onde foi buscar Ele a infinita sabedoria com que brindou o Espírito humano; a ponto de quererem alguns confundir-lo com Deus, Seu e nosso Pai?

Ou se aceita o conceito de uma divindade sobrenatural, que, derogando suas próprias leis satisfaz à humana ignorância ou, rendendo-se ante a lógica férrea e à evidência de fatos já perfeitamente comprovados, se aceita a **reencarnação**. Parece-nos não haver outra alternativa.

Se é a hereditariedade física que nos dá um Moisés, um Krishna, um Buda, um Jesus Cristo, é de estranhar que tão poucos seres dessa envergadura moral tenham aparecido até agora na Terra.

Assim, meus amigos, sem entrarmos no setor científico dos inúmeros fatos já comprovados por sábios e cientes de renome mundial, que através dos estudos dos mais variados fenômenos chegaram à infofismável convicção da imortalidade da alma e da **reencarnação**, mas apenas pela lógica e fazendo uso da razão, parece-nos que atingimos o nosso objetivo de maneira favorável e perfeitamente aceitável.

## 8. OBJEÇÕES À REENCARNAÇÃO

Os adversários da reencarnação, comumente, expõem contra ela os mesmos argumentos. Limitamo-nos a citar, entre outros, os que mais freqüentemente são levantados:

— **A perda da memória:** É, sem dúvida, o argumento mais citado. Sobre ele já nos referimos amplamente e, segundo julgamos, está perfeitamente diluído.

— **A de que a reencarnação desconhece a lei da hereditariedade física:** Não é exato que os adeptos ou a doutrina da reencarnação desconheçam ou neguem a hereditariedade física. Ao contrário, afirma-a, colocando-a, porém, em planos secundários. Admitem que os materiais físicos fornecidos pelos pais, trazem o seu cunho próprio, por assim dizer, e que as moléculas constitutivas do corpo da criança, levam consigo o hábito de vibrar em sentidos definidos e de associar em combinações especiais. São assim transmitidas doenças hereditárias, hábitos, modos, qualidades vitais e passionais característicos, porém, até certo ponto, sendo, entretanto, secundária, como já dissemos, esta hereditariedade, por apenas transmitir condições psíquicas da personalidade propriamente dita.

— **O atavismo ou herança de certos caracteres de ascendentes remotos:** O atavismo pretende explicar o gênio e bem assim a diferença entre um tipo e os seus predecessores imediatos. Mas, se na realidade o gênio é um caso ou um produto do **atavismo**, porque não conhecemos o antepassado que o possuía, visto que no seu tempo ou na sua geração, fatalmente, havia de destacar-se entre os outros seres de seu tempo? Por essa teoria, o gênio só apareceria de tempos em tempos, dentro de uma mesma linha familiar, naquela em que já se tenha manifestado. É comum observar-se o aparecimento de um gênio, no seio de uma família até então obscura, conforme já falamos.

— **O nascimento de uma criança de maus instintos numa família virtuosa e vice-versa:** É contra proposta a teoria de que o Espírito é atraído para a família que lhe possa proporcionar um corpo em circunstâncias favoráveis. Pode-se tornar respeitável essa objeção, **se não se levar em conta a importantíssima questão dos laços cármicos**. Sabemos que os futuros destinos dos Espíritos estão entrelaçados pelas relações que entre eles surgiram em qualquer uma de suas vidas terrestres. Amor e ódio, convivência no bem ou no mal, benefícios ou prejuízos, tudo tende a ligar e a atrair entre si os Espíritos à Terra, para o cumprimento combinado dos efeitos que determinaram, quando agiram unidos. Daqui

procedem os ódios e repugnâncias que se caracterizam por vinganças, não definidos pela memória, mas de efeito dominante, e também os laços indissolúveis que ligam os corações, através do tempo e do espaço.

## 9. FINALIDADE DA REENCARNAÇÃO

É a reencarnação uma consequência natural da Lei de Evolução. É da natureza do ser o desejo de ascender, de superar-se a si mesmo, de transpor as formas conquistadas em busca de uma consciência cada vez mais ampla. Esse desejo de ascensão é força instantânea da Lei de Evolução. Para tal necessita o Espírito crescer em conhecimento e moral, na sabedoria e no amor. **A Reencarnação** é o meio proporcionado pela sabedoria divina a todos os seres para a conquista da suprema meta: a perfeição em Deus!

Por meio dela o Espírito passa por todas as provas e realiza todas as experiências de que necessita para, de grau em grau, subir através de inúmeros avatares, os degraus infinitos que permeiam entre sua inferioridade e a divina perfeição. Jesus, que entre outras afirmativas, no Evangelho nos permite concluir pela reencarnação, fez esta: "Sede perfeitos como perfeito é o Pai Celestial". Parece-nos também aqui positivada a necessidade de ser a perfeição alcançada gradativamente, por vidas sucessivas, por que impossível é a qualquer Espírito, criado simples e ignorante, galgar os degraus que separam o perfeito do imperfeito, em uma só existência, ou mesmo em um só ciclo de qualquer planeta no Universo, pois sabemos ser infinito o número deles. A natureza, não dá saltos, nos afirma a ciência. Tenhamos, pois, sempre presente, o roteiro que nos legou Aquele que é o Caminho, a Verdade e a Vida, a fim de que unidos uns aos outros e todos a Ele, possamos galgar no mais breve tempo possível todos esses degraus que nos separam dos superiores planos onde imperam o amor, a verdade e a justiça. Procuremos a nossa união com o Divino Mestre, tornando-nos fiéis instrumentos de Sua vontade, intérpretes dos Seus ensinamentos e exemplos, quando então, compreenderemos o verdadeiro significado desta sua assertiva: "EU E O PAI, SOMOS UM".